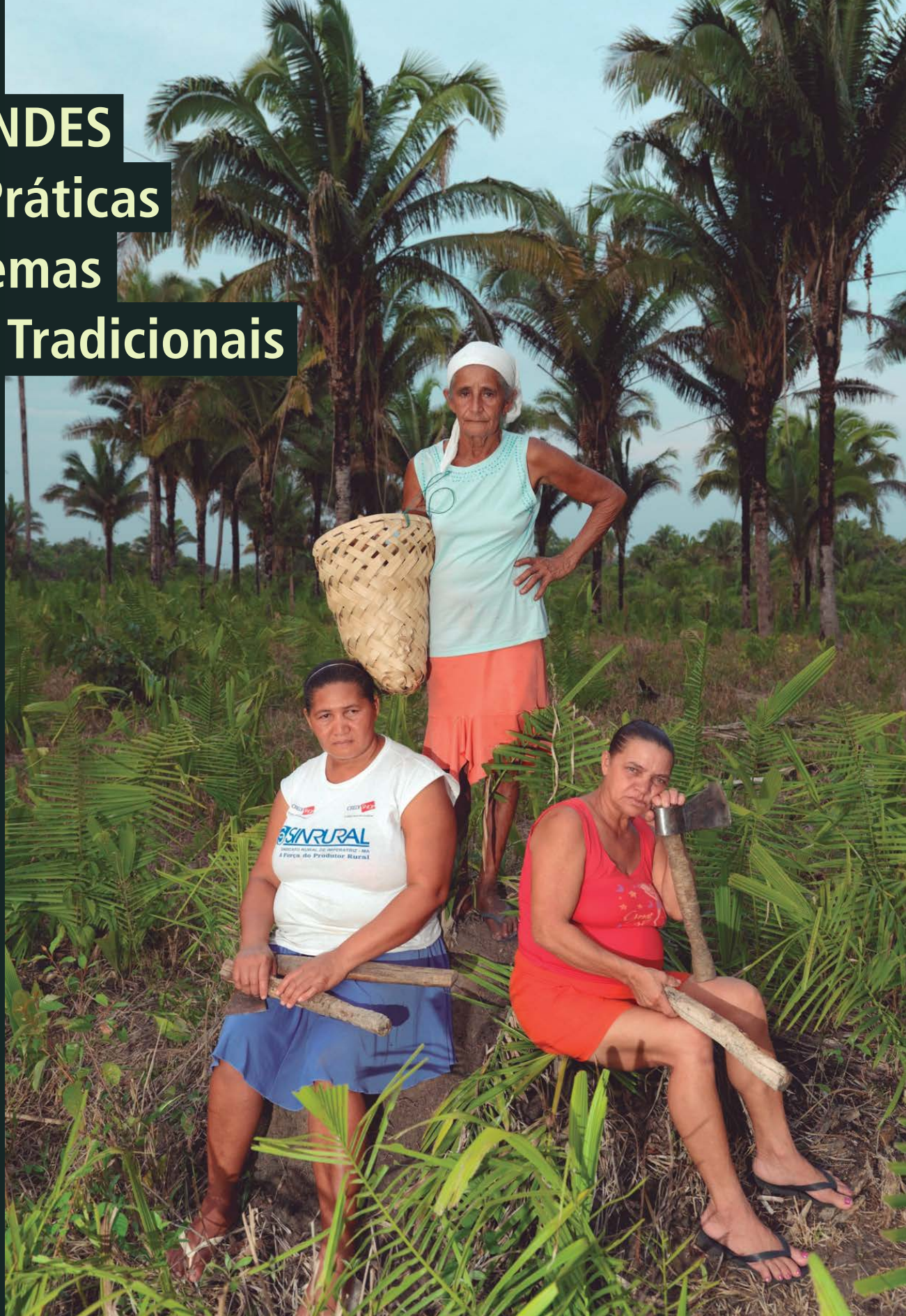
Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais

1ª Edição



IPHAN


FARINHA


FARINHA


SAT's
PRÊMIO BNDES

Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais

1ª Edição

Organização

BNDES

Iphan

Embrapa

FAO

Iphan | Brasília | 2019

Presidente da República
Jair Bolsonaro

Ministro da Cidadania
Osmar Terra

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Kátia Bogéa

Diretores do Iphan
Andrey Rosenthal Schlee
Hermano Queiroz
Marcelo Brito
Marcos José Silva Rêgo
Robson Antônio de Almeida

Departamento de Patrimônio Imaterial
Hermano Queiroz

Coordenação Geral de Identificação e Registro
Deyvesson Israel Alves Gusmão

Coordenação Geral de Promoção e Sustentabilidade
Rívia Ryker Bandeira de Alencar

Coordenação de Identificação
Pedro Gustavo Morgado Clerot

Coordenação de Apoio aos Bens Registrados
Natália Guerra Brayner

Equipe técnica responsável pelo Prêmio
Ana Luiza Delgado (DPI/Iphan)
Ariana Alves (BNDES)
Deyvesson Israel Alves Gusmão (DPI/Iphan)
Diana Dianovisky (DPI/Iphan)
Fernanda Thomaz da Rocha (BNDES)
Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante (DPI/Iphan)
Jane Simoni Almeida (Embrapa)
João Roberto Correia (Embrapa)
Juliana Izete Muniz Bezerra (DPI/Iphan)
Marcello Broggio (FAO)
Maria Consolación Udry (Embrapa)
Maria do Socorro Oliveira (Consultora FAO)
Maria Julia Pinho (BNDES)
Mécia Menescal (Assessoria de Comunicação/IPHAN)
Mônia Silvestrin (DPI/Iphan)
Natália Guerra Brayner (DPI/Iphan)
Patrícia Bustamante (Embrapa)
Roberta Lavalle Faria (BNDES)
Roselis Simonetti (Embrapa)
Sara Santos Morais (DPI/ Iphan)
Rívia Ryker Bandeira de Alencar (DPI/Iphan)

Coordenação de Edição
Juliana Izete Muniz Bezerra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, IPHAN

P925

Prêmio BNDES de boas práticas para sistemas agrícolas tradicionais : 1ª edição / organização, BNDES [et al.]. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF : 12 megabytes). – Brasília : IPHAN, 2019.

53 p. ; 25 cm.

Modo de acesso: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/premio_bndes_de_boas_praticas.pdf>. (04 de julho de 2019).

ISBN: 978-85-7334-362-5

1. Sistemas agrícolas tradicionais. 2. Patrimônio imaterial. I. IPHAN. II. Embrapa III. FAO.

CDD 338.1

Bibliotecária responsável: Odilé Mª M. Viana de Souza – CRB-1/2120

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
E-mail: dpi@iphan.gov.br, edicoes.iphan@iphan.gov.br
www.iphan.gov.br

Revisão de Conteúdo
Fernanda Thomaz da Rocha
Jane Simoni Almeida
João Roberto Correia
Roberta Lavalle Faria

Revisão e preparação de textos
Ana Gabriela Alves de Mendonça
Flora Campos Barros
Gilmara Gabriela de Cristo Fernandes
Juliana Izete Muniz Bezerra

Divisão de Editoração e Publicações - Decof
Chefe
André Vilaron

Produção Editorial
Isabella Atayde Henrique

Equipe
André Lippmann
Amarildo Machado Martins
Luciano Barbosa da Silva Amorim
Silvana Lobato Silva Marra

Projeto Gráfico e Diagramação
Bruno de Melo Vianna

Elaboração do Mapa
Flora Campos Barros

Registro visual e facilitação gráfica
Muriel Parreira Duarte Gonzales e Mariana Vitali – Kairós Arte da Conversa

Fotografia da Capa
Peter Caton
Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais - AMTR. Acervo ISPN.

Agradecimentos
Às comunidades detentoras de sistemas agrícolas tradicionais brasileiros
Marco Pavarino
André Araújo
Isabela Sanches
Sonia Holler
Fernando Amaral
Cleber Soares
Renato Rodrigues
Marcos Ferrari

Sumário

8 Apresentação

10 O Edital BNDES

12 Ações Premiadas

16 Protagonismo das mulheres de fibra do Médio Mearim

18 A autodemarcação e gestão do território tradicional dos Vazanteiros de Pau Preto

20 Feira de troca de sementes e mudas das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira

22 Feira da mandioca de Imbituba

24 Recaatingamento

26 Mutirão coletivo do plantio de roça para o patrocinador do ritual feminino do Iamurikumã

28 Processo de certificação participativa para uso e conservação da floresta no sistema de roça de toco

30 Conservação do sistema tradicional de fruticultura dos Waimiri Atroari

32 Projeto Semear – Produção de sementes florestais e crioulas em comunidades dos arquipélagos do Bailique, Amapá

34 Ação de Resistência em Defesa das Áreas de Coleta, Recarga e das Nascentes da Chapada do Areião

36 FlorestAção: agrofloresta como alternativa para restauração ambiental e sustentabilidade para comunidade Guarani

38 Apicultura sustentável: protagonismo e autonomia da juventude de comunidades de fundo de pasto de Casa Nova - BA

40 Promoção e fortalecimento da cadeia produtiva do pinhão na Serra Catarinense

42 Lei Municipal 1.629 de 10 de Abril de 2015: Lei João Tolentino

44 Cultivo do Milho Crioulo de Roraima

46 Cerimônia de entrega do Prêmio BNDES SAT e Seminário de Capacitação

54 Anexo 1: Mapa das Ações Premiadas

55 Anexo 2: Créditos das Fotografias

Apresentação

Com o intuito de reconhecer e divulgar boas práticas de salvaguarda e conservação dinâmica de bens culturais imateriais associados à agrobiodiversidade e à sociobiodiversidade presentes nos Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) tornaram público em setembro de 2017 o Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais – Prêmio BNDES SAT.

Esta publicação apresenta o conjunto de ações contempladas com o Prêmio, bem como traz uma sistematização dos debates promovidos durante a cerimônia de entrega, realizada em junho de 2018, que também culminou no Seminário de Capacitação sobre instrumentos nacionais e internacionais de identificação, reconhecimento e salvaguarda dos saberes e ofícios envolvidos nesses sistemas agrícolas.

Cinquenta e oito ações concorreram ao Prêmio e 15 (quinze) receberam premiação em dinheiro voltada à continuidade das ações já desenvolvidas nos territórios. Das ações premiadas, cinco localizam-se na região Sudeste, três na região Sul, três na região Nordeste, três na região Norte e uma na região Centro-Oeste. Um mosaico da diversidade cultural também é perceptível nas ações premiadas, que perpassam as trajetórias de mulheres quebradeiras de coco babaçu, vazanteiros, geraizeiros, comunidades quilombolas, agricultores familiares sertanejos e litorâneos, pescadores tradicionais e povos indígenas de diferentes etnias.

Esperamos, com essa publicação, dar mais um importante passo na identificação e promoção da rica diversidade cultural e biológica brasileira, bem como incentivar e fortalecer a articulação, mobilização e formação de redes comunitárias em torno dos sistemas agrícolas tradicionais para a valorização e manutenção das práticas que contribuam para a transmissão de conhecimentos entre as gerações e a conservação dinâmica da agrobiodiversidade nativa e cultivada. Por fim, cabe ressaltarmos que a parceria institucional tecida nesta premiação é fundamental para a implementação de compromissos internacionais e de políticas nacionais – como as de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, de soberania e segurança alimentar, de proteção e reconhecimento dos direitos dos povos e comunidades tradicionais – e para a conservação da sociobiodiversidade brasileira.

Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz
Diretor de Patrimônio Imaterial do IPHAN

Cleber Oliveira Soares
Diretor de Inovação e Tecnologia da Embrapa

Gabriel Rangel Visconti
Superintendente da Área de Gestão Pública e Socioambiental do BNDES

Gustavo Chianca
Representante Assistente para Programa da FAO



O Edital BNDES

O Prêmio BNDES SAT surgiu do diálogo institucional iniciado ainda em 2015, diante da necessidade de identificar e conhecer quem eram os detentores de Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil. A iniciativa teve como objetivo geral reconhecer e divulgar boas práticas de salvaguarda e conservação dinâmica de bens culturais imateriais associados à agrobiodiversidade e à sociobiodiversidade presentes nesses Sistemas. Visou, ainda, promover os sistemas de uso do ambiente, paisagens e estratégias agroalimentares de agricultores familiares pertencentes a povos e comunidades tradicionais brasileiras.

O objeto da premiação foi o reconhecimento de 15 (quinze) ações consideradas boas práticas de salvaguarda e conservação dinâmica de Sistemas Agrícolas Tradicionais já realizadas ou com etapas concluídas, tendo como base a data de publicação do edital (setembro de 2017), em território nacional.

Foram consideradas boas práticas as ações avaliadas como exitosas, tanto na sua execução quanto em seus resultados, merecendo divulgação e reconhecimento público. Ainda, como objetivos específicos do edital, procurou-se: ampliar a visibilidade dos Sistemas Agrícolas Tradicionais do Brasil, fomentando sua identificação e promoção; incentivar e fortalecer a articulação, mobilização e formação de redes comunitárias em torno dos SAT para a valorização e manutenção das práticas que contribuam para a transmissão de conhecimentos entre as gerações; gerar subsídios para criação e implantação de políticas públicas específicas, uma vez que as inscrições forneceram uma amostra das iniciativas de boas práticas para salvaguarda e conservação dinâmica dos SAT no território brasileiro; e, por fim, reconhecer e documentar boas práticas relacionadas a Sistemas Agrícolas Tradicionais.

As cinco primeiras colocadas foram premiadas com o valor de R$ 70.000,00 (setenta mil reais) e as demais, com o valor de R$ 50.000,00 (cinquenta mil reais). Os comitês Gestor e de Análise e Seleção foram compostos pelos profissionais Juliana de Souza Silva (Iphan), Juliana Izete Bezerra (Iphan), Deyvesson Gusmão (Iphan), Natália Brayner (Iphan), Ivana Medeiros Cavalcanti (Iphan), Jane Simoni Almeida (Embrapa), João Roberto Correia (Embrapa), Edson Guiducci Filho (Embrapa), Maria Consolación Udry (Embrapa), Fernanda Thomaz da Rocha (BNDES), Maria Julia Alves de Pinho (BNDES), Roberta Lavalle Faria (BNDES), Marcello Broggio (FAO), Ludivine Eloy (Universidade de Brasília), André Araújo (SEAD/PR) e Nurit Bensusan (Instituto Socioambiental - ISA).







Ações Premiadas

Ações Premiadas

Ordem de classificação	Entidade Proponente	Nome da Ação de Boa Prática	Município(s) onde a Ação foi localizada
1	Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais - AMTR	Protagonismo das mulheres de fibra do Médio Mearim	Lago do Junco - MA
2	Associação dos Produtores Rurais de Vereda	A Autodemarcação e Gestão do Território Tradicional dos Vazanteiros de Pau Preto	Matias Cardoso - MG
3	Associação dos Remanescentes de Quilombo de São Pedro	Feira de Troca de Sementes e Mudas das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira	Eldorado - SP
4	ACORDI-Associação Comunitária Rural de Imbituba	Feira da Mandioca de Imbituba	Imbituba - SC
5	Instituto Regional da Pequena Agro-pecuária Apropria-da - IRPAA	Recaatingamento	Pilão Arcado, Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Remanso, Curaçá, Sento Sé, Uauá, Sobradinho, Juazeiro - BA
6	Associação Yawalapiti Awapá - AYA	Mutirão Coletivo de Plantio de Roça para o patrocinador do ritual feminino Iamurikumã	Canarana - MT
7	Associação dos Agricultores Fami-liares da Roça de Toco de Biguaçu - Associação Valor da Roça	Processo de certificação participativa para uso e conservação da floresta no sistema de roça de toco	Biguaçu - SC
8	Associação Comunidade Waimiri Atroari - ACWA	Conservação do sistema tradicional de fruticultura dos Waimiri Atroari	Novo Airão, Urucará, Presidente Figueiredo - AM; Rorainópolis, São João da Baliza - RR

Ordem de classificação	Entidade Proponente	Nome da Ação de Boa Prática	Município(s) onde a Ação foi localizada
9	Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique	Projeto Semear - Produção de Sementes Florestais e Crioulas em Comunidades do Arquipélago do Bailique, Amapá	Macapá - AP
10	Sindicato dos Trab. Rurais Assalariados e Agricultores Familiares do Munic. Rio Pardo de Minas	Ação de Resistência em Defesa das Áreas de Coleta, Recarga e das Nascentes da Chapada do Areião	Rio Pardo de Minas - MG
11	Associação Indígena Guarani Boapy Pindó	FlorestAção: Agrofloresta como Alternativa para Restauração Ambiental e Sustentabilidade para a Comunidade Guarani	Aracruz - ES
12	SASOP-Serviço de Assessoria a Organizações Populares	Apicultura Sustentável: Protagonismo e Autonomia da Juventude de Comunidades de Fundo de Pasto de Casa Nova - BA	Casa Nova -BA
13	Associação Vianei de Cooperação e Intercâmbio no Trabalho, Educação, Cultura e Saúde - AVICITECS	Promoção e fortalecimento da cadeia produtiva do pinhão na Serra Catarinense	Lages, São Joaquim, Painel, Urubici, Bom Retiro, Bocaina do Sul, Correia Pinto, São José do Cerrito, Cerro Negro, Campo Belo do Sul, Anita Garibaldi - SC
14	Associação da Comunidade Tradicional Geraizeira de Sobrado	Lei Municipal 1.629 de 10 de abril de 2015: “Lei João Tolentino”	Rio Pardo de Minas - MG
15	Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos - APITSM	Cultivo do Milho Crioulo de Roraima	Pacaraima, Boa Vista - RR

Protagonismo das mulheres de fibra do Médio Mearim

Lago do Junco - MA

Instituição Proponente: Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais – AMTR

O extrativismo nas Florestas de Babaçu, marcado pelo protagonismo das mulheres de fibra quebradeiras de coco, é uma atividade e estratégia de luta e sobrevivência, de troca de saberes, memórias e vivências entre as próprias mulheres e suas famílias. A Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais - AMTR foi criada em 1989 com a proposta de preservação dos babaçuais e, ao longo dos 25 anos de existência, tem fortalecido ações e práticas de salvaguarda e conservação da agrobiodiversidade e sociobiodiversidade na luta pelo acesso à terra e aos recursos naturais. A AMTR é sediada no povoado Ludovico, no município de Lago do Junco - MA, e faz parte de uma rede de 2000 famílias organizadas em movimentos sociais na região do Médio Mearim.

Localizados na zona de transição Amazônia-Caatinga, os babaçuais exercem uma função ecológica importante, ajudando a conservar a biodiversidade e as nascentes. Além disso, favorecem as práticas agroextrativistas das roças orgânicas, garantindo a sustentabilidade e fortalecendo estratégias agroalimentares para a comunidade. Seu sistema de manejo sazonal se inicia na coleta do coco babaçu maduro, que é transportado para o local onde se dará a sua quebra. É uma atividade desgastante que exige habilidade e desempenho físico, feita com duas ferramentas: o machado e o macete. A população rural da região tradicionalmente utiliza seus frutos como alimento (farinha de babaçu, azeite, leite) e como matéria prima para a produção de sabão, carvão, papel reciclado e até moradias com as fibras de babaçu. Para garantir a autonomia na comercialização da produção, as mulheres da comunidade criaram uma cooperativa que administra cantinas onde seus produtos são vendidos.

O Babaçu, além de ser uma palmeira importante no processo natural de sucessão florestal e alimento estratégico para sobrevivência da fauna silvestre, é também fundamental para a identidade coletiva. Os saberes e conhecimentos tradicionais compartilhados pelas comunidades são passados de mães para filhas, que para além da habilidade no ofício de ser quebradeira, têm como objetivo manter forte o vínculo da comunidade com o território, sensibilizando-a sobre suas histórias, lutas ligadas à palmeira de babaçu, considerada a árvore da vida.










NO BREAK

A autodemarcação e gestão do território tradicional dos Vazanteiros de Pau Preto

Matias Cardoso - MG

Instituição Proponente: Associação dos Produtores Rurais de Vereda

O território tradicionalmente ocupado pelos Vazanteiros de Pau Preto corresponde ao interflúvio dos rios São Francisco e Verde Grande, uma região de extrema importância biológica. A articulação Vazanteiros em Movimento surgiu a partir da necessidade de enfrentamento às principais ameaças a seus modos de vida, já que as estratégias produtivas da comunidade estão assentadas no conhecimento profundo dos ecossistemas locais e nas dinâmicas de cheia e seca dos rios. Essas comunidades remontam aos povos indígenas, seus modos de usar e se relacionar com o rio: deles herdaram o transporte em canoas, a pesca e a lavoura de vazante. O uso e ocupação do solo é permeado de muitos saberes em relação ao ambiente e sua dinâmica. Suas moradias são construídas na parte alta da ilha ou na beira-rio fora das áreas de várzea, onde também estabelecem os sistemas de quintais com plantio de frutíferas e lavouras; nas vazantes das ilhas, beira-rio e lagoas, os vazanteiros fazem os cultivos das roças de lameiro no período da seca; nas áreas de capão e caatinga, o cultivo das roças no período das águas; o gado é criado nas áreas de alagadiços e caatinga, onde também é feita a coleta extrativista; e os peixes são pescados nas lagoas, "rio grande" e "rio pequeno".

A diversidade é característica desse sistema. A depender da época, produz-se milho, mandioca, abóbora, melancia, feijão catador, feijão de arranque, gergelim, andu, melão, batata doce e diversos nas hortas, além de uma grande variedade de peixes, como curimatá, surubim e piau. Os saberes ecológicos e as práticas tradicionais são passadas de geração em geração através da oralidade, do trabalho partilhado em família e nos mutirões comunitários. O manejo tradicional das lagoas e rios facilita a circulação dos peixes, que compartilham dos benefícios do plantio dos lameiros. Os animais silvestres também tomam proveito da variedade de cultivos dessas comunidades. Outra ação importante no sentido da garantia e revitalização da sociobiodiversidade no Vale do São Francisco é sua participação na Rede de Agrobiodiversidade do Semiárido Mineiro, onde levam e trocam sementes com agricultores de outras comunidades.

Esse sistema, para além da busca pela soberania e autonomia alimentar, permite a prática da medicina tradicional e a manutenção de tradições e práticas marcantes para a identidade da comunidade. Os batuques e sambas (cantados e entoados tanto em eventos religiosos e folias, como em momentos de ação de política), a culinária e os saberes alimentares são também partilhados pelos grupos, desde a coleta e colheita até a preparação dos alimentos, fazendo parte da defesa de seus direitos identitários e territoriais. A autodemarcação e gestão deste território tradicional tem como objetivo pressionar o estado pelo reconhecimento dessas comunidades como detentoras de um modo de vida tradicional de convivência com o Rio São Francisco e seus ciclos. Para tal, a comunidade criou um Plano de Gestão do território, utilizado como instrumento de salvaguarda de seu modo de vida.










BRASIL

Feira de troca de sementes e mudas das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira

Eldorado - SP

Instituição Proponente: Associação dos Remanescentes de Quilombo de São Pedro

O Sistema Agrícola Quilombola (SATQ) do Vale do Ribeira é um conjunto de saberes e técnicas aplicados ao cultivo de uma diversidade de plantas utilizadas na alimentação, medicina e cultura material. O Vale do Ribeira abriga um grupo de 9 comunidades quilombolas e seus saberes agrícolas tradicionais abrangem desde os arranjos espaciais característicos – que incluem roças individuais e coletivas, quintais e manejo de áreas florestadas – à organização do trabalho, assim como os modos de processar alimentos e artefatos relacionados às atividades. Utilizando a técnica da coivara, os principais produtos são também a base da cultura alimentar das comunidades quilombolas, e os excedentes de sua produção são comercializados pela Cooperativa dos Agricultores Quilombolas do Vale da Ribeira.

A insegurança territorial e a disputa de usos conflitantes da terra entre o Estado, o SATQ e outros grupos, assim como o desmatamento e a poluição das águas e do solo, são fatores que põem em risco e realçam a importância do sistema de coivara na região, uma vez que sua dinâmica de manejo incorpora o uso sustentável de áreas florestadas, o que se reflete na conservação das áreas por eles manejadas. A unidade de produção nesse sistema é a família. Estas se distribuem em unidades espaciais chamadas de capuavas ou capovas espraiadas ao longo dos rios, e os caminhos que as interligam, muitos dos quais viram estradas de terra e trilhas no meio da mata, são evidências da criação e recriação de uma robusta rede de sociabilidade.

Desde 2007, uma rede de trocas de semente é amparada e desenvolvida pela Feira de Troca de Sementes e Mudas Tradicionais dos Quilombos do Vale do Ribeira. A Feira é um momento de intercâmbio de saberes e diálogo entre as comunidades, os parceiros institucionais e a sociedade, e corrobora o processo de valorização e disseminação de mudas e sementes tradicionais ou crioulas, propiciando um entendimento dinâmico do território, com o fortalecimento e a valorização da agrobiodiversidade. Aproximadamente 1.600 pessoas de 19 comunidades diferentes participam da feira, que tem crescido em tamanho e importância. Assim, este encontro promove a cultura e propicia um ambiente de discussões e troca sobre as principais questões da luta dessas comunidades.




Paiol de Sementes
Quilombolas






ÁRVORES
BRASILEIRAS


MANDIOCA
ROSINHA
CEBOLINHA
FOLHA
GORDA

Feira da mandioca de Imbituba

Imbituba - SC

Instituição Proponente: Associação Comunitária Rural de Imbituba - ACORDI

Localizado na bacia hidrográfica do rio Cubatão, o Território Tradicional de Agricultores e Pescadores Artesanais dos Areais Ribanceira é formado por depósitos sedimentares da planície costeira, com vegetação de restinga e caracterizada por dunas móveis entremeadas por roças com cultivos tradicionais. Situada no litoral catarinense, pesca artesanal referenciada pelo ciclo lunar (com linha ou com rede, a depender da maré) é uma atividade importante para a comunidade descendente de açorianos. Baseados em um sistema de uso comum de terras, o qual é regido por acordos comunitários de gestão do território, os agricultores e pescadores realizam a rotação como estratégia de manejo dos cultivos itinerantes, onde produz-se mandioca consorciada com outras variedades como milho e melancia. O extrativismo vegetal, especialmente do butiá e de plantas medicinais, e o pesqueiro, tainha e camarão rosa por exemplo, também compõe as práticas econômicas e de manejo na região.

A manutenção e reprodução do seu modo de ser agricultor e pescador garante a alimentação da família e da comunidade. A construção da identidade coletiva, das técnicas, conhecimentos e saberes emerge de um contexto conflituoso no uso e gestão do território, sendo este essencial para a consolidação e transmissão no fazer cotidiano, seja pela oralidade seja por observação, das atividades agrícolas e pesqueiras. Com o estímulo de atividades industriais na região e a pressão imobiliária gerada pela construção do porto Henrique Lage, os modos de viver da comunidade têm sido colocados em risco.

A Feira da mandioca de Imbituba, que possui uma variada programação cultural, religiosa, educacional e gastronômica tem sido uma fomentadora em busca de aumentar e manter a biodiversidade local, sendo importante marca da resistência das comunidades que dependem desses recursos e do manejo adequado para o solo e vegetação e para manutenção da sua cultura. Para além da própria comunidade, a feira permite e fortalece a construção de vínculos com outros movimentos e entidades. Esta ação também mostrou a importância da salvaguarda de aspectos da cultura açoriana expressados na rica culinária, no artesanato, na música e na dança. Dentre as festas religiosas importantes para a comunidade dos Areais da Ribanceira, destacam-se a festa do Divino Espírito Santo, o Boi de Mamão, o Pau de Fita, o Terno de Reis como formas de expressões da identidade das famílias da região. Assim, sua territorialidade coletivamente construída e vivenciada em várias dimensões é essencial para a agrobiodiversidade e sociobiodiversidade da região.


VI ENCONTRO







Recaatingamento

Pilão Arcado, Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Remanso, Curaçá, Sento Sé, Uauá, Sobradinho e Juazeiro - BA

Instituição Proponente: Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA

O sistema utilizado pelas comunidades tradicionais rurais do semiárido da Bahia consiste em áreas de caatinga abertas, livres de cercas, cuja principal atividade é o pastoreio coletivo de cabras, ovelhas e o extrativismo não madeireiro. Com um sistema social organizado a partir das atividades de produção animal, policultura de base familiar ou extrativismo de baixo impacto, a comunidade possui um sentimento de pertencimento e um jeito de vida próprio, construídos a partir de um contrato formal ou informal de uso e manejo coletivo ou comunitário do território. A principal busca é a preservação do bioma da Caatinga, a partir do uso sustentável que concilie as especificidades deste ecossistema e a sua capacidade de suporte com as atividades que garantem a sobrevivência da comunidade.

A partir da preservação da caatinga, o extrativismo vegetal possibilita a colheita de umbu, maracujá da caatinga, araticum, murici, além das plantas medicinais e mel de abelhas nativas. É o modo de vida da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto que garante a sustentação das famílias, assim como seus remédios e suas práticas artesanais. Surgidas a partir do declínio do ciclo do gado na região, essas comunidades desenvolveram uma convivência sustentável com o semiárido respeitando a capacidade de suporte do bioma, preservando e cultivando vegetação nativa, valorizando suas plantas e frutas (e os produtos derivados). Construíram, também, a partir de técnicas de captação, manejo e uso da água, aguadas, que são cisternas, poços, barreiros e tanques escavados. As práticas desse sistema realçam sua importância para preservação da biodiversidade e para garantia da segurança alimentar e hídrica. Práticas culturais como Rodas de São Gonçalo, Festejos, Reisados, Samba de Véio e Festejo dos Padroeiros fortalecem os laços na e entre as comunidades, reforçando as relações de uso comum da terra, elemento basilar deste sistema.

O Recaatingamento é o processo de recomposição do bioma com replantio e favorecimento da germinação espontânea de espécies nativas, contribuindo para a manutenção da vida. A mobilização das comunidades, construção de viveiros, formação e capacitação das famílias, isolamento ou cercamento de áreas para controle dos animais e das áreas em recuperação, coleta de sementes, produção de mudas a recuperação das áreas degradadas, são medidas que visam a promoção do bem-estar da Caatinga e de sua população.













Mutirão coletivo do plantio de roça para o patrocinador do ritual feminino do Iamurikumã

Canarana - MT

Instituição Proponente: Associação Yawalapiti Awapá Aya

Promovida pela Associação Yawalapíti Awapá Aya da Aldeia Yawalapíti da Terra indígena do Xingu, localizada no Município de Canarana no estado do Mato Grosso, a ação "Mutirão coletivo do plantio de roça para o patrocinador do ritual feminino do Iamurikumã" foi uma dos projetos selecionados desta edição do Prêmio.

O projeto é referente ao plantio da roça, tocado conjuntamente por meio de um mutirão realizado pela comunidade. O espírito de Iamurikumã, presente na roça onde ocorre o ritual e o plantio, também é o "patrocinador do ritual" da festa. O ritual feminino Iamurikumã tem como característica a entrega do que é produzido na roça ao seu patrocinador ritual e depois a distribuição dos alimentos aos convidados da festa. A roça é, para além do local da produção da mandioca e de um trabalho coletivo, um espaço importante para a vida da comunidade e a transmissão de tradições e saberes.

O sistema agrícola tradicional é uma roça de mandioca trabalhada coletivamente pela comunidade familiar. Posteriormente, a roça é entregue a um responsável - um patrocinador ritual - para cuidar das etapas finais da produção.

As roças xinguanas são uma forma de agricultura de coivara. No caso de roças para rituais, o dono da festa escolhe a área propícia para o plantio da mandioca e inicia a limpeza do terreno em meados de agosto, por meio da derrubada da vegetação local e sua posterior queima, quando a vegetação estiver seca. Após esta etapa, ocorre o plantio, já no mês de novembro.

O plantio da mandioca é realizado pela comunidade para que o dono da festa tenha meios de alimentar os participantes durante as execuções rituais após sua colheita, que se inicia em maio do ano seguinte indo até junho.

O principal produto resultado desse processo é o polvilho, do qual é derivado o beiju, alimento que compõe essencialmente a dieta Yawalapíti. O processo de fabricação é realizado pelas mulheres, que aprendem as artes da produção desse alimento desde a infância, através de brincadeiras. Dessa forma, o ofício é transmitido às novas gerações. O SAT permeia boa parte das atividades da comunidade Yawalapiti, sendo um espaço importante tanto para a produção da alimentação, mas também para permanência das relações e rituais da comunidade.







Processo de certificação participativa para uso e conservação da floresta no sistema de roça de toco

Biguaçu - SC

Instituição Proponente: Associação dos Agricultores Familiares da Roça de Toco Biguaçu - Associação Valor da Roça

Atualmente cerca de 40 famílias praticam o Sistema Agrícola da Roça de Toco, localizadas em Três Riachos e Fazendas, no Município de Biguaçu em Santa Catarina. Nem todas as famílias integram a Associação dos Agricultores Familiares da Roça de Toco Biguaçu - Associação Valor da Roça, mas, no caso da ação premiada, os trabalhos são realizados pela comunidade em geral em parceria com a Associação.

O processo de cultivo da roça de toco inicia-se com a retirada da vegetação e preparação do solo, onde os galhos são arrancados e depois queimados, funcionando posteriormente como carvão. O tempo de utilização da roça para lavoura, leva em média um período de 2 a 3 anos. Após isso, a terra passa por um período de pousio e fica descansando por cerca de 10 a 15 anos. Outro fator importante para a restauração do solo é o plantio de espécies florestais como o cultivo da bracatinga (*Mimosa scrabella*) e de florestas secundárias, como os bananais e o palmito juçara, que colaboram no controle da luminosidade e da umidade do ambiente. Esse sistema combinado, entre plantio e reflorestamento, contribui para manutenção e preservação da biodiversidade local. As lavouras cultivadas nesse sistema são: de aipim, milho, feijão, cana de açúcar, batata doce. Boa parte é consumida na alimentação da comunidade, mas também compõe a renda das famílias, por meio da comercialização desses produtos, especialmente da banana agroflorestal, do aipim e do carvão mineral.

A ação "Certificação Participativa para o uso e conservação da floresta no sistema de roça do toco" se trata do processo de certificação emitido pela Associação para os produtos comercializados pelas famílias. Consiste também numa forma de conhecer e valorizar a produção e os processos de reflorestamento e preservação do solo que estão fundados nas práticas e tradições da comunidade.




Adelmo Crispim Pereira
Maria Iracema Pereira
Três Riachos - Biguaçu - SC
Valor da Roça
Produtor Rural:
01.338.268-3
Cadastro Ibama:
5494867
AuC: 076/2013
CCA: 036/2012
Fone (48) 9602 1657
Estrada Geral Três Riachos s/n - São Mateus - Biguaçu/SC


NOSSO AIPIM
AIPIM CONGELADO
Produção artesanal e respeito à natureza!




Produto da Roça de Toy
NOSSO CARVÃO
ESPÉCIES NATIVAS MANEJADAS
CARVÃO VEGETAL ESPECIAL PENEIRADO
Produção artesanal e respeito à natureza!
Três Riachos - Biguaçu - SC
3,5K

Conservação do sistema tradicional de fruticultura dos Waimiri Atroari

Novo Airão, Urucará e Presidente Figueiredo - AM
Rorainópolis e São João da Baliza - RR

Instituição Proponente: Associação Comunidade Waimiri Atroari - ACWA

O sistema agrícola tradicional Yery Beye se trata de um pomar agroflorestal cultivado coletivamente pela comunidade indígena Waimiri Atroari. A Terra Indígena Waimiri Atroari está localizada em parte na região norte do estado do Amazonas e em parte na região sul do estado de Roraima. Atualmente é composta por 48 aldeias, com 368 famílias e 2.012 pessoas no total. Entre as principais especialidades produzidas neste SAT estão o coco verde e a pupunha, que são comercializadas em pequena escala. A banana, a mandioca (basicamente em forma de farinha) e a cana também compõem a base alimentar e a renda da comunidade.

A própria consolidação e estrutura do SAT são relacionadas com a cosmovisão mitológica e ritual, que constitui a formação de novas aldeias. O cultivo do Yere Beye consiste em semear coletivamente a nova roça, a partir das sementes produzidas na antiga roça. Concomitantemente a esse processo, é construída uma maloca no centro da nova roça, que é ocupada posteriormente à medida em que é cultivado o pomar, formando assim uma espécie de cinturão de árvores frutíferas, dando origem a uma nova aldeia, uma nova roça, um novo pomar construído coletivamente, onde o que é produzido também é de usufruto coletivo. Há também um cultivo de árvores frutíferas e plantas medicinais. Compõe-se portanto não apenas a produção agrícola, mas também a paisagem e a cultura da comunidade.

O Programa Waimiri Atroari, promovido pela Associação da Comunidade Waimiri – ACWA tem o intuito de manter as práticas culturais de plantio e ocupação do território, conforme as tradições Waimiri Atroari. O principal objetivo é a manutenção e sustentabilidade da comunidade para atender as novas demandas e o crescimento populacional dos últimos anos. O Yere Beye, nesse sentindo, contribui para formação de novas roças e novas aldeias, preservando as tradições Waimiri Atroari.













Projeto Semear – Produção de sementes florestais e crioulas em comunidades dos arquipélagos do Bailique, Amapá

Bailique - AP

Instituição Proponente: Associação
das Comunidades Tradicionais do Bailique

O sistema agrícola tradicional da comunidade do Bailique é composto por uma grande roça, com o cultivo de diversas espécies, desde plantas medicinais a extratos vegetais. A comunidade está localizada no Município de Bailique, no Distrito de Macapá, no Estado do Amapá.

O "Projeto Semear – Produção de sementes florestais e crioulas em comunidades dos arquipélagos do Bailique, Amapá" consiste na produção de sementes crioulas e florestais para o cultivo de uma roça e realização de manejo. O território da comunidade é dividido entre as famílias, que podem realizar o trabalho de roçado de forma coletiva ou individual, e conta com a participação de todas as faixas etárias que compõem essa população – dos mais jovens aos mais velhos. O projeto foi executado nos anos de 2016 a 2017, desenvolvido pela Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique em parceria com a Embrapa e a Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável do Ministério do Meio Ambiente.

O principal produto cultivado neste SAT é o açaí, cuja comercialização é responsável por aproximadamente 60% da economia e também compõe boa parte da dieta alimentar comunitária. A economia da comunidade baseia-se então na produção do roçado e da floresta, assim como no extrativismo e na caça e pesca. A realização do projeto possibilitou a formação de novos agricultores e a transmissão de saberes relacionados à produção e ao plantio das sementes, bem como a formação e manutenção do roçado.











Ação de Resistência em Defesa das Áreas de Coleta, Recarga e das Nascentes da Chapada do Areião

Rio Pardo - MG

Instituição Proponente: Sindicato dos Trabalhadores RuraisAssalariados e Agricultores Familiares do Município de Rio Pardo de Minas.

O sistema agrícola tradicional é cultivado pela comunidade de pequenos agricultores de Água Boa II, localizada no município de Rio Pardo em Minas Gerais. A comunidade é composta atualmente por 112 famílias, cerca de 400 pessoas no total, que se reconhece como População Tradicional Geraizeira. A ação foi proposta pela comunidade de geraizeiros e promovida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais Assalariados e Agricultores Familiares do Município de Rio Pardo em parceria com outras organizações locais.

O sistema é formado por um roçado que pode ser de propriedade coletiva ou individual. Os pequenos roçados são cultivados por grupos familiares que são responsáveis pela produção dos alimentos que compõem boa parte da dieta da comunidade: feijão, mandioca, andu e arroz. Já a produção de café, frutas cultivadas, frutas nativas, hortaliças e plantas medicinais são realizadas nos quintais de produção. A comunidade desenvolve pequenos viveiros de mudas nativas, onde é possível não somente cultivar novas sementes, mas também reparar as eventuais alterações na terra causadas pelo processo do roçado.

O extrativismo também é uma prática comum, executada geralmente na coleta de frutos produzidos na Chapada do Areião, sendo transmitida dos mais velhos para os mais jovens e mantendo, assim, uma tradição. O extrativismo da palha de coco de licuri é utilizado para confecção de chapéus de palha e outros artefatos. Nessa perspectiva foi criada uma cooperativa, a COOPAAB - Cooperativa Familiares de Agricultores Agroextrativistas de Água Boa II, formada atualmente por 41 sócios, 27 famílias, e que desenvolve um trabalho de produção de polpa das frutas coletadas nesse processo. A polpa de pequi é uma das mais conhecidas também por ser uma fruta típica do cerrado. A cooperativa é formada por jovens, adultos e idosos, sendo que boa parte são mulheres. Além do trabalho com as polpas, desenvolve a ação de sensibilização sobre preservação e proteção ambiental.

A importância da realização dessa ação foi no âmbito da sensibilização e preservação do território, que está profundamente ligado às tradições da comunidade. A Chapada do Areião pertence a uma área de proteção que permite o uso e trabalho do geraizeiros, que contribuem no processo de manutenção e preservação da biodiversidade do cerrado e das águas. A ação também contribuiu de certa forma para auto-identificação e reconhecimento da comunidade tradicional geraizeira.








RESERVAS EXTRATIVISTAS
GERAIZEIRAS
O POVO
PRECISA
DO
CERRADO





FlorestAção: agrofloresta como alternativa para restauração ambiental e sustentabilidade para comunidade Guarani

Aracruz - ES

Instituição Proponente: Associação Indígena Guarani Boapy Pindó

O Projeto FlorestAção foi realizado na Tekoá Ka'agwy Porã (Aldeia Nova Esperança), implantada na Terra Indígena que estava ocupada por plantações de eucalipto da Aracruz Celulose, até que foi reconhecida e homologada, pelo Ministério da Justiça, como Terra Indígena em 2010.

A Terra Indígena tem várias nascentes, rios e lagoas, uma grande área descoberta e importantes fragmentos de florestas, onde tem sido possível coletar sementes e outros insumos para a prática do artesanato. Os Guarani consideram prioritárias as ações de restauração de nascentes e percebem que os fragmentos de floresta podem ser unidos, formando corredores ecológicos. Sempre que possível, atuam para colaborar com a formação destes corredores. A conservação da biodiversidade, do solo e da água é percebida como muito importante pelos Guarani. Por meio do Projeto FlorestAção, foram plantadas mudas de espécies nativas no entorno das nascentes e a implantação da aldeia também contribuiu para a recuperação do ambiente, visto que os cultivos alimentares são sem agrotóxicos e o plantio de espécies nativas também é uma ação comum entre os indígenas e visitantes da aldeia. Percebem também, que a implantação da aldeia contribuiu para diminuir a presença de caçadores e para o resgate de vários aspectos do modo de vida tradicional, como a agricultura.

O Projeto FlorestAção contribuiu para o fortalecimento destas práticas e também para viabilizar a implantação da aldeia, fomentando a segurança e a soberania alimentar desta população. Segundo relatos, o projeto estimulou os jovens à prática agrícola e contribuiu para alimentação dos primeiros moradores. Porém, o modo de vida Guarani depende da floresta e neste território, anteriormente ocupado por eucalipto, restam poucos fragmentos; a terra está endurecida e descoberta, e demanda por novas ações de reflorestamento e incentivo à agricultura tradicional.

Algumas das mais importantes ações que se geram da agricultura tradicional são: a alimentação e estímulo às práticas que envolvem os modos de vida tradicionais. É comum a troca e compartilhamento dos produtos dentro da própria comunidade, sem ser feita a comercialização dos produtos. Além disso, é realizado o cultivo de plantas medicinais e de matérias-primas que são utilizadas para o artesanato, construção de casas e outras ações, que promovem a sustentabilidade da comunidade Guarani.










FlorestAção



Apicultura sustentável: protagonismo e autonomia da juventude de comunidades de fundo de pasto de Casa Nova - BA

Casa Nova - BA

Instituição Proponente: Serviço de Assessoria
a Organizações Populares Rurais - SASOP

O Sistema Agrícola Tradicional de Fundo de Pasto do município de Casa Nova - BA é incrustado na ecorregião das Dunas do São Francisco e apresenta vegetação típica de caatinga, solos areno-argilosos, clima semiárido e possui a presença de alguns riachos intermitentes, que nas épocas de maior precipitação (outubro a março) "alimentam" o Rio São Francisco.

Os povos tradicionais de fundo de pasto na região, em geral praticam atividades vinculadas à prática agrícola e pastoril. Não obstante, diferente da dinâmica de outros locais do meio rural do semiárido brasileiro, o uso das terras para essas atividades é coletivo. Nas comunidades de fundo de pasto, portanto, existem duas dinâmicas marcantes quanto ao uso da terra: o espaço individual das famílias e as áreas coletivas, chamadas de fundo de pastos ou, como outrora, de terras soltas. As terras manejadas individualmente pelas famílias são espaços de convívio do núcleo familiar, bem como de atividades que requerem maiores cuidados (quintais produtivos, cisternas, currais, armazéns, roçados de milho, feijão, mandioca, batata-doce, etc). Já as terras de fundo de pasto são extensas áreas usadas em conjunto pelas comunidades, e que, em geral, apresentam considerável diversidade genética de espécies da caatinga e são utilizadas para pastoreios de caprinos, ovinos, equinos, bovinos e suínos, além de também serem base de sustentação para abelhas nativas e exóticas na produção de mel.

O desenvolvimento da prática da apicultura de maneira especial é de fundamental importância como estratégia de tomada de consciência, no que tange às preocupações ambientais pela degradação acelerada dos recursos naturais. A produção de mel tem-se tornado uma atividade de forte aderência com as práticas sustentáveis que protegem e renovam a caatinga no SAT. Outra ação que tem promovido uma maior conscientização e, por conseguinte, aumento da biodiversidade é o recaatingamento das áreas coletivas de pastorio. As práticas da apicultura e da pecuária têm sido fortalecidas e têm agregado elementos da sustentabilidade através de processos formativos, que utilizam o paradigma da convivência com o Semiárido e da Agroecologia como elementos centrais nos espaços formativos/ educativos.

O uso e valorização de recursos endógenos, o respeito aos limites dos recursos naturais, o diálogo de saberes entre técnicos e agricultores, a adoção da estratégia da estocagem de alimentos e água são princípios norteadores no desafio da manutenção digna das famílias no meio rural. As tecnologias sociais de captação e armazenamento de água de chuva em reservatórios ou no próprio solo são fundamentais para a promoção do aumento da agrobiodiversidade no SAT de Fundo de Pasto na região.






ROBUST
PLA-9719





Promoção e fortalecimento da cadeia produtiva do pinhão na Serra Catarinense

"Lages, São Joaquim, Painel, Urubici, Bom Retiro, Bocaina do Sul, Correia Pinto, São José do Cerrito, Cerro Negro, Campo Belo do Sul e Anita Garibaldi - SC.

Instituição Proponente: Associação Vianei de Cooperação e Intercâmbio no Trabalho, Educação, Cultura e Saúde - AVICITECS

O sistema agroflorestal tradicional para a produção de pinhão localiza-se na região da serra catarinense nos municípios de Lages, São Joaquim, Painel, Urubici, Bom Retiro, Bocaina do Sul, Correia Pinto, São José do Cerrito, Cerro Negro, Campo Belo do Sul e Anita Garibaldi. Estruturado em sistemas agroflorestais familiares, está alicerçado no extrativismo de plantas nativas, especialmente o pinhão, o mate, o mel de bracatinga e frutas nativas. Conta ainda com produtos de origem animal como a carne e o leite.

O que mais se destaca enquanto prática neste sistema é a forma de colheita do pinhão que é realizada por meio da subida em árvores com esporas/cordas e as pinhas são derrubadas com longas taquaras. A colheita é normalmente uma atividade coletiva que congrega membros de diversas famílias. A produção é relevante para o autoabastecimento e fornece insumos básicos para pratos como a paçoca e o entrevero. Há ainda modos de preparo que têm origens ancestrais como a sapecada do pinhão - cozimento realizado em campo aberto , sendo que as grimpas secas (folhas e galhos finos do pinheiro) são amontoados e os pinhões são jogados em cima do monte, em que é ateado o fogo.

O pinhão, além do uso diário pelos detentores, compõe ainda circuitos curtos de comercialização, como feiras agroecológicas, entrega de cestas, vendas em domicílio. Os detentores acessam ainda algumas políticas públicas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) no território e fora dele.

Estima-se que este sistema agrícola tradicional exista há pelo menos 250 anos, porém a utilização do pinhão remonta à ocupação do território pelos indígenas Xokleng, há milhares de anos. As principais ameaças ao sistema agroflorestal tradicional são a expansão dos reflorestamentos homogêneos de pinus e eucaliptos e a recente instalação da monocultura de soja na região. Há ainda os riscos que os detentores apontam para a ocorrência de empreendimentos de geração de energia hidráulica, especialmente nos rios Pelotas e Canoas, que já desalojaram dezenas de famílias de agricultores.











Lei Municipal 1.629 de 10 de Abril de 2015: Lei João Tolentino

Rio Pardo de Minas - MG

Instituição Proponente: Associação da Comunidade Tradicional Geraizeira de Sobrado

O ordenamento e uso coletivo do território da comunidade Sobrado baseiam-se na memória dos antepassados, nas tradições que criam e recriam valores, refere-se basicamente à prática do extrativismo tradicional numa área de cabeceira, coberta por vegetação e fauna nativa do bioma cerrado, onde nascem os córregos que abastecem a comunidade.

É uma área de extrema importância para reprodução social das famílias do Sobrado e de comunidades vizinhas, visto ser local de coleta de frutos como pequi, cagaita, rufão, araticum, dentre outros, e de plantas medicinais como a unha d´anta, grão de galo e barbatimão, produtos que servem para complemento alimentar das famílias, incremento em suas rendas e para tratamentos diversos, no que se refere à saúde humana e animal via medicina tradicional.

O uso tradicional do território configura-se como uma das formas definidoras da identidade local. Os geraizeiros utilizam de forma sustentável e comum os espaços, como as cabeceiras e encostas dos morros, na coleta de plantas, frutos, madeira e lenha nativos. A riqueza ecossistêmica do local - que ainda existe devido ao intenso trabalho coletivo de proteção realizado pelos moradores - é composta por paisagens de beleza natural ímpar, compostas por vegetação do cerrado e faixas de mata atlântica, com as mais diversas espécies de árvores e arbustos e uma rica fauna em diversidade de animais, inclusive com espécies raras ou em extinção, como a suçuarana, o guariba, a "mãe de lua" e o veado, além das cachoeiras que potencializam o lugar como espaço de lazer, turismo e convivência social.

Além de ser fonte de renda para diversas famílias, o Sistema Agrícola Tradicional contribui para diversidade e segurança alimentar, acesso à água e proteção da identidade da comunidade. Os frutos e plantas coletadas promovem a geração alternativa de alimentos saudáveis, numa situação em que o acesso a diversos produtos alimentícios, está em boa parte, dependente de suprimento externo, visto que a produção atualmente não possui a fartura de outrora. O SAT se mostra também como espaço de convivência comunitária, o que promove a coesão coletiva, contribuindo assim para reprodução social e simbólica, na transmissão de valores, costumes e saberes tradicionais, relacionadas ao uso do território.

O Sistema, portanto, se configura como elemento chave enquanto prática e símbolo de autonomia e gestão territorial, capaz de demonstrar capacidade de articulação entre uso sustentável do ecossistema e proteção e reprodução de bens imateriais, representados pela identidade étnica e os conhecimentos tradicionais.








ATENÇÃO!
AREA DE RESERVA
COMUNITARIA
PROIBIDO CAÇAR E
CORTAR ÁRVORES.





Cultivo do Milho Crioulo de Roraima

Pacaraima, Boa Vista - RR

Instituição Proponente: Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos - APITSM

O sistema agrícola tradicional que possibilita o cultivo secular do milho crioulo de Roraima - cultivado na Terra Indígena São Marcos e também na Terra Indígena Raposa Serra do Sol - é estruturado em roças individuais e coletivas. Há a produção do milho consorciado com mandioca e feijão, em áreas de mata ou savanas (lavrado).

O preparo das áreas de cultivo ocorre no período de estiagem (outubro a março) quando são realizadas as atividades de coivara e enleiramento da vegetação nas áreas de capoeira que estavam em pousio. As sementes são selecionadas das safras anteriores do milho crioulo de Roraima. Escolhe-se as boas espigas retirando as sementes de medianos delas. Uma das mais importantes características deste sistema agrícola é a conservação de sementes por anos consecutivos no campo, após a "quebra do milho", e a resistência do milho às pragas do campo. Vale ainda destacar a topografia da região, altamente montanhosa, que funciona como barreira natural e protege a planta de cruzamentos. Segundo alguns pesquisadores, indígenas Maias e Astecas percorreram a região deixando as espigas, valendo-se desta topografia. Os indígenas de Roraima mantiveram-nas intactas até os dias atuais, segundo tais análises.

Utilizado largamente na alimentação, em preparos de medicina tradicional (o chá do "cabelo" do milho tem propriedades curativas para questões urinárias, por exemplo) e também no preparo de bebidas e rituais; a maior ameaça ao milho crioulo é a introdução de cultivares de milho híbrido nas comunidades indígenas. A proposta premiada foi apresentada ao Edital por decisão da Assembleia da Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos (APITSM), contando com representantes das etnias macuxi, Taurepang, ou Pémons, como são conhecidos na Venezuela, e Wapichana.















Cerimônia de entrega do Prêmio BNDES SAT e Seminário de Capacitação



Os painéis a seguir foram produzidos durante o Seminário de Capacitação do Prêmio BNDES SAT, realizado em Brasília, DF, nos dias 18 e 19 de junho de 2018, com a participação de representantes das comunidades detentoras premiadas, técnicos, pesquisadores, profissionais e estudantes interessados na temática. Os painéis são sistematizações das discussões promovidas pelos premiados e trazem um resumo das questões principais abordadas nos dias de debates.

PRÊMIO BNDES - SAT

PAINEL II: Experiências de Sistemas Agrícolas Tradicionais

1. Rio Negro/AM

CONJUNTO DE SABERES QUE SE RELACIONAM

- CULTIVO
- DIVERSIDADE DE PLANTAS NA ÁREA CULTIVADA
- TÉCNICAS DE MANEJO DA ROÇA E DOS QUINTAIS
- USO DE UTENSÍLIOS, PROCESSAMENTO E ARMAZENAMENTO



110 A 120 ESPÉCIES DE **manivas**

AGRICULTURA É COMBINADA COM OUTRAS ATIVIDADES LIGADAS À FLORESTA E AO RIO.

O SAT DO RIO NEGRO FOI RECONHECIDO EM 2010.

autonomia das famílias

SATs DISTRIBUÍDOS NO ALTO, MÉDIO E BAIXO RIO NEGRO.

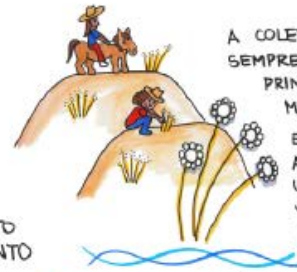
POVOS DE 4 TRONCOS LINGUÍSTICOS: TUKANO, ARUAK, MAKU E YANOMAMI



ameaças AO PATRIMÔNIO:

- TRANSMISSÃO DE SABERES
- ACESSO À TERRA
- HEGEMONIA DAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS "MODERNAS"
- INTEGRAÇÃO DOS PRODUTOS AO MERCADO
- PERDA DA BIODIVERSIDADE

2. Apanhadoras/es de Sempre Viva/MG



A COLETA DE FLORES SEMPRE-VIVAS É A PRINCIPAL ATIVIDADE, MAS NÃO É A ÚNICA: É SER GUARDIÃ DAS ÁGUAS, MANEJAR UMA GRANDE VARIEDADE DE PLANTAS, FAZER ROÇA, FESTEJOS, PESCAR.



ASSOCIAÇÃO **CODECEX**

- LUTA E RESISTÊNCIA
- RECONHECIMENTO SOCIAL
- PRESERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

20 COMUNIDADES EM 7 MUNICÍPIOS E MAIS COMUNIDADES QUERENDO SE INTEGRAR.

90 ESPÉCIES DE **sempre-vivas** PRESENTES EM MAIS DE 30 MUNICÍPIOS.

território

"É MUITO IMPORTANTE PARA NOSSO MODO DE SER, FAZER, VIVER."

"CUIDAMOS DA TERRA E DAS ÁGUAS".

ameaças AO PATRIMÔNIO:

- MONOCULTURA DE EUCALIPTO
- PECUÁRIA
- MINERAÇÃO
- ÁREAS DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL

SAT DAS/OS APANHADORAS/ES DE FLORES FOI SELECIONADO PARA SER A 1ª CANDIDATURA BRASILEIRA AO SIPAM / GIAHS DA FAO/ONU.

cooperação alemã

giz

Projeto MERCADOS VERDES e CONSUMO SUSTENTÁVEL

SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL GOVERNO FEDERAL

PRÊMIO BNDES - SAT

PAINEL II: Experiências de Sistemas Agrícolas Tradicionais PREMIADAS!

3. Quilombolas do Vale do Ribeira /SP

19 COMUNIDADES QUILOMBOLAS AO REDOR DA BACIA DO RIO RIBEIRA.



ÚNICO RIO DO ESTADO DE SÃO PAULO LIVRE DE BARRAGENS

REGIÃO DO ESTADO DE MATA ATLÂNTICA MAIS PRESERVADA

GRAÇAS AS LUTAS RESISTÊNCIAS DOS POVOS TRADICIONAIS

HÁ 83 QUILOMBOS EM DIFERENTES ESTÁGIOS DE RECONHECIMENTO.

"é um orgulho ser quilombola."

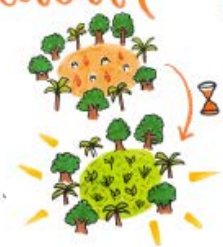
feira DE TROCA DE SEMENTES E MUDAS - DESDE 2008

FEIRA DE 2009 CONTABILIZOU 199 VARIEDADES CULTIVADAS EM 14 TERRITÓRIOS DE QUILOMBOS.

elementos do SAT:

- ARRANJOS DE TRABALHO: COOPERATIVA
- MODOS DE PROCESSAR OS ALIMENTOS/ CULINÁRIA
- CONTEXTOS DE CONSUMO DOS ALIMENTOS: CELEBRAÇÕES, BAILES.
- CONJUNTO DE SABERES E TÉCNICAS
- CULTURA MATERIAL ASSOCIADA
- CIRCUITOS DE COMERCIALIZAÇÃO: FEIRA DE SEMENTES / COOPERATIVA

roça de coivara



4. Recaatingamento /BA

NÃO FAZ SENTIDO REFLORESTAR A CAATINGA. FAZ SENTIDO RECAATINGAR!

comunidades de fundo de pasto



SISTEMA AGROPASTORIL COM POSSE E USO COMUM DAS TERRAS E RECURSOS.



AS COMUNIDADES DE FUNDO DE PASTO EXISTEM E RESISTEM COM A CULINÁRIA, A CRIAÇÃO DE ANIMAIS, A AGRICULTURA.

Contribuir para reverter o processo de desertificação da caatinga.

- CONSERVAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO
- MELHORAMENTO DA RENDA
- EDUCAÇÃO AMBIENTAL

desafios

- CERCAS ELÉTRICAS
- CHUVA IRREGULAR
- QUESTÃO FUNDIÁRIA
- TITULAÇÃO DAS ÁREAS COLETIVAS E INDIVIDUAIS.

aprendizagem

OS SOLOS DEGRADADOS SÃO RECUPERÁVEIS.

A CAATINGA TEM UM GRANDE PODER DE REGENERAÇÃO.

medidas para recaatingar

- TERRACEAMENTO
- CORDÕES DE PEDRA EM CONTORNO
- BARRAMENTOS
- CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA
- PLANTIO DE MUDAS



surgem minas de água QUE SÃO PROTEGIDAS.



O RECAATINGAMENTO É POSSÍVEL, E BARATO, QUANDO FEITO EM PARCERIA.



O PAA É UMA POLÍTICA EXITOSA.

cooperação alemã

giz

MERCADOS VERDES & CONSUMO SUSTENTÁVEL

SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL GOVERNO FEDERAL

PRÊMIO BNDES - SAT

PAINEL II: Experiências de Sistemas Agrícolas Tradicionais

PREMIADAS!

5. Quebradeiras de coco / MA



PROTAGONISMO DAS MULHERES DE FIBRA DO MÉDIO MEAMIRIM



LUTA PELA PRESERVAÇÃO DOS BABAÇUAIS TEM MAIS DE 30 ANOS.

E não derrube essas palmeiras, ... precisamos preservar as riquezas naturais...

- TROCA DE SEMENTES CRIOULAS
- AGROECOLOGIA DE QUINTAL

AMTR

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS

- DÉCADA DE 70 E 80: INÍCIO DA LUTA
- CRIAÇÃO DA AMTR EM 1989
- CRIAÇÃO DA FÁBRICA DE SABONETES EM 1996
- LEI BABAÇU LIVRE 1997

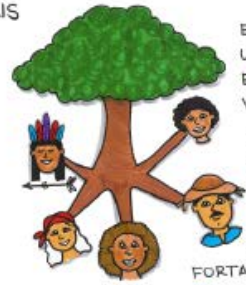
6. Vazanteiros / MG

O MODO DE VIDA TRADICIONAL DOS VAZANTEIROS DO NORTE DE MINAS, ENVOLVEM ATIVIDADES COMO A AGRICULTURA DE VAZANTE E SEQUEIRO, PESCA, CRIAÇÃO DE ANIMAIS E EXTRATIVISMO.

O GOVERNO DE MINAS NÃO RECONHECE NOSSA CULTURA.



TUDO ALINHADO AO CICLO NATURAL DO SÃO FRANCISCO.



EM 2007 INICIOU-SE UMA ARTICULAÇÃO ENTRE AS COMUNIDADES VAZANTEIRAS.

7 POVOS E COMUNIDADES PARTICIPAM DESSA ORGANIZAÇÃO.

AS ARTICULAÇÕES COM PARCEIROS FORTALECE OS VAZANTEIROS.

- ARTICULAÇÃO VAZANTEIROS EM MOVIMENTO
- ARTICULAÇÃO ROSALINO

vazanteiros, quilombolas e o Chicão são a garantia da nossa tradição!

7. Feira da Mandioca / SC DE IMBITUBA

COMUNIDADE REPRESENTA O SISTEMA AGRÍCOLA E PESQUEIRO TRADICIONAL DO AREAIS DA RIBANCEIRA, 100KM AO SUL DE FLORIANÓPOLIS.

ROÇAS DE MANDIOCA CULTIVADAS COM MELANCIA.



45 ETNOVARIEDADES DE MANDIOCA + 200 ESPÉCIES DE PLANTAS MEDICINAIS + ESPÉCIES RARAS COMO A MELANCIA AMARELA

Temos um banco de sementes

A feira PROPORCIONOU VISIBILIDADE, PARCEIRIAS O LAUDO ANTROPOLÓGICO, REDE DE ENERGIA, CONSTRUÇÃO DO ENGENHO, RECONHECIMENTO COMO COMUNIDADE TRADICIONAL EM 2010.

RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITAL!

USAR MEU CONHECIMENTO PARA ORGANIZAR MINHA COMUNIDADE. - MARLENE

cooperação alemã

giz

Projeto MERCADOS VERDES e CONSUMO SUSTENTÁVEL

SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO CASA CIVIL

BRASIL GOVERNO FEDERAL


Prêmio BNDES
de Boas Práticas para
Sistemas Agrícolas Tradicionais


Prêmio BNDES de Boas Práticas para
Sistemas Agrícolas Tradicionais


Prêmio BNDES de Boas Práticas para
Sistemas Agrícolas Tradicionais








Autonomia da Juventude


13º lugar


Prêmio BNDES
de Boas Práticas para
Sistemas Agrícolas Tradicionais






O Candeeiro


Prêmio BNDES
de Boas Práticas para
Sistemas Agrícolas Tradicionais




Prêmio BNDES
de Boas Práticas para
Sistemas Agrícolas Tradicionais





4º lugar
Feira da Mandioca de Imbituba


Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais
CERTIFICADO


JAZANTEIROS EM MOVIMENTO

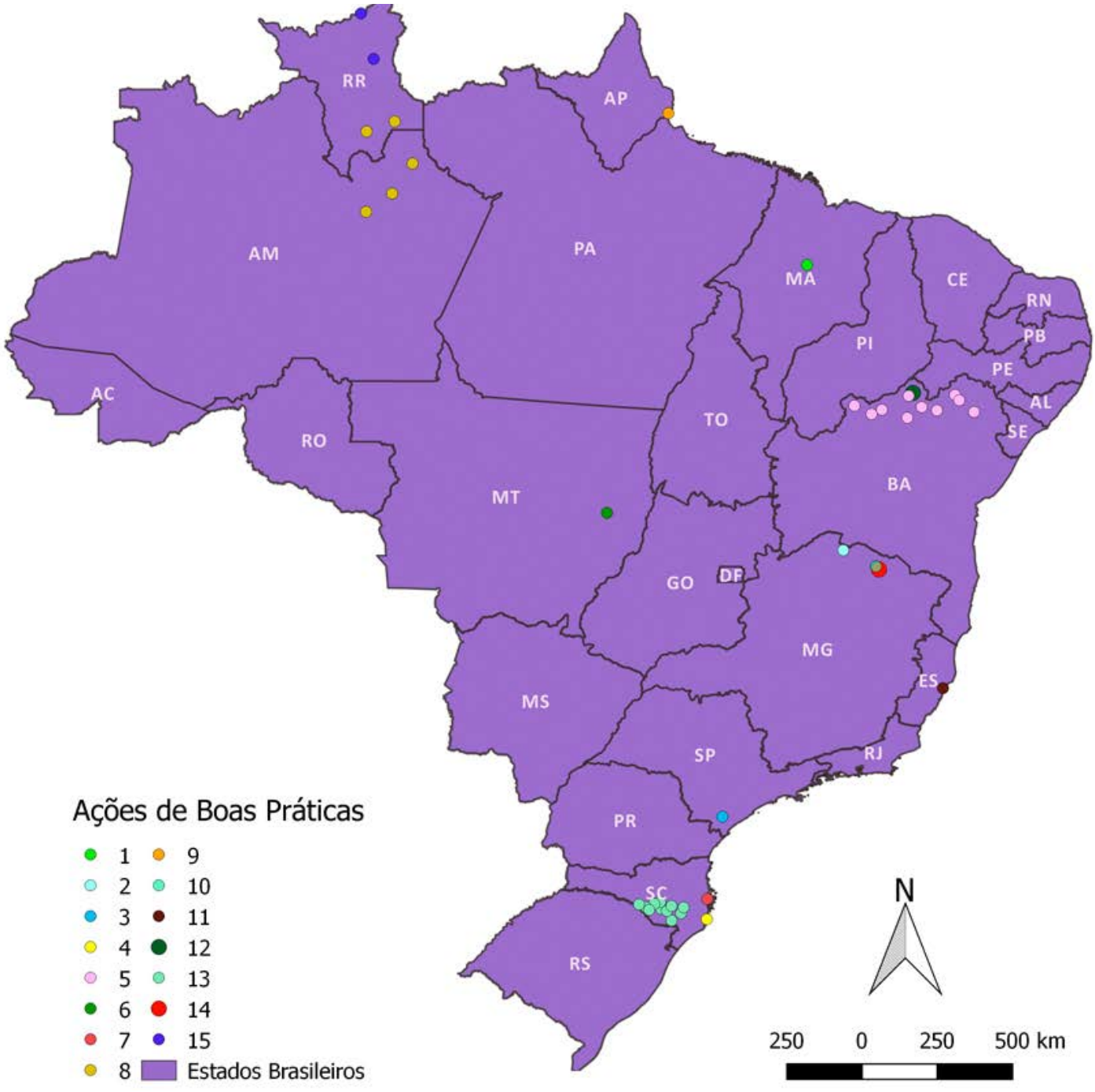


Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais
CERTIFICADO





Anexo 1: Mapa das Ações Premiadas



Anexo 2: Créditos das Fotografias

Página 7: Acervo Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique.

Página 9: Acervo Associação Indígena Guarani Boapy Pindó.

Página 10: Acervo Associação dos Produtores Rurais de Vereda.

Página 15: Peter Caton. Acervo AMTR (alta e baixa esquerda e alta direita).
Acervo ISPN (central e baixa direita).

Página 17: Acervo Associação dos Produtores Rurais de Vereda.

Página 19: Claudio Tavares. Acervo Associação dos Remanescentes do Quilombo de São Pedro (altas e central direita).
Acervo Associação dos Remanescentes do Quilombo de São Pedro (central esquerda e baixas).

Página 21: Acervo Associação Comunitária Rural de Imbituba.

Página 23: Maria de Lourdes Almeida. Acervo do IRPAA (baixa direita).
Acervo do IRPAA (demais fotos).

Página 25: Olivier Böels. Acervo da Associação Yawalapiti Awapá Aya.

Página 27: Cíntia Uller Gómez. Acervo Associação Valor da Roça.

Página 29: Acervo Associação Comunidade Waimiri Atroari.

Página 31: Acervo da Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique.

Página 33: Acervo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Assalariados e Agricultores Familiares do Município de Rio Pardo de Minas.

Página 35: Nelson Barcelos. Acervo da Associação Indígena Guarani Boapy Pindó (alta esquerda e bixa direita).
Raquel Lucena Paiva. Acervo da Associação Indígena Guarani Boapy Pindó (alta direita e ambas centrais).
Carlos Ferraz. Acervo da Associação Indígena Guarani Boapy Pindó (baixa esquerda).

Página 37: Acervo do Serviço de Assessoria a Organizações Populares - SASOP.

Página 39: Acervo da Associação Vianei de Cooperação e Intercâmbio no Trabalho, Educação, Cultura e Saúde - AVICITECS.

Página 41: Acervo da Associação da Comunidade Tradicional Geraizeira de Sobrado.

Página 43: Acervo da Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos - APITSM.

Página 44: Acervo Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique.

Página 50: Assessoria de Comunicação - Embrapa.



MINISTÉRIO DA
ECONOMIA





SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

GOVERNO
FEDERAL



Organização das Nações Unidas
para a Alimentação e a Agricultura


SAT
PRÊMIO BNDES


FARINHA


FARINHA

Edições IPHAN